

EDITORIAL

É com muita satisfação que apresentamos o número XVI da Revista Olhares e Trilhas, relativo ao 1º semestre de 2014. Nele, o leitor encontrará um conjunto de textos que representa a vitalidade das pesquisas e a consistência das discussões teóricas que vêm sendo realizadas no âmbito da educação, da formação de professores, do processo de ensino e aprendizagem das línguas e de tantos outros diferentes conceitos.

Embora de teores bem diferentes uns dos outros, as galerias, os artigos e os relatos reunidos neste número apresentam uma característica comum: todos eles, a sua maneira, demonstram uma preocupação legítima com temas polêmicos e ainda carentes de investigação e discussão.

Assim, além da abrangência dos assuntos que aborda, o conjunto de artigos aqui apresentado oferece ao leitor um caleidoscópio temático que trata de importantes interesses que hoje mobilizam parte da comunidade acadêmica, a saber, o caráter singular da educação infantil, cuja especificidade merece atenção, por integrar à função de educar, também a de cuidar; o caráter formativo do estágio no processo de formação de profissionais da área da psicologia para lidar com questões como racismo, sexualidade, saúde e transtornos alimentares, temas estes bastante pertinentes para o enfrentamento de problemas no ambiente escolar; o caráter articulador entre o trabalho de produção agrícola e a educação formal, com vistas ao atendimento das expectativas daqueles alunos que pretendem permanecer no campo; o caráter fundamental da linguagem como elemento imprescindível na interação do ser humano com o meio no qual ele se insere e o caráter emergencial de se refletir sobre os aspectos mais impactantes na qualidade de vida dos profissionais da educação, que são geradores de estresse.

Os relatos aqui apresentados também refletem, em grande medida, a relevância dos trabalhos desenvolvidos no âmbito das salas de aula nos níveis infantil, fundamental e médio, o que contribui decisivamente para a reflexão contínua e para a constituição do professor como um profissional em constante formação.

As galerias, por sua vez, dão a leveza necessária para contrabalancear o conjunto de discussões teóricas e de dados analíticos aqui publicados com a beleza e o frescor dos projetos artísticos apresentados pelas professoras, que tornam a leitura deste número muito mais agradável.

Escritos por profissionais e pesquisadores que vivenciam e pensam a educação em todos os seus níveis e modalidades, notadamente a educação infantil, o ensino fundamental, o médio e a educação de jovens e adultos (EJA), os textos desta publicação colaboram para uma melhor compreensão dos novos desafios educacionais.

O primeiro artigo deste número da Revista Olhares e Trilhas está relacionado ao complexo universo da educação infantil. Tratada historicamente com um forte viés assistencialista, a modernização da concepção e das práticas infantis passou por um lento processo de transformação ao longo da história da educação brasileira até se estabilizar numa concepção de ensino cujas características são peculiares à faixa etária da criança enquanto cidadã e portadora de direitos.

Com base nesse entendimento da criança como um sujeito de direito, a pesquisadora Polyana Aparecida Roberta Silva discute, a partir de uma pesquisa bibliográfica, a importância de se desenvolver uma rotina de atividades que, organizadas no tempo e no espaço escolar, possibilitam a inserção das crianças no universo das múltiplas aprendizagens, de acordo com as “cem” linguagens infantis, como a autora mesma afirma.

Para a professora, a rotina é a espinha dorsal das atividades na educação infantil, na medida em que é com base nela que a criança se orienta no tempo-espaço escolar e desenvolve sua independência e autonomia, além da possibilidade de socialização. Essas questões têm forte impacto nas funções do professor, entendido como um mediador das práticas infantis no contexto escolar. Dessa forma, é demandada desse profissional uma postura consciente no que se refere ao atendimento das necessidades dos alunos desse nível de ensino, enquanto crianças e enquanto cidadãos.

A fim de demonstrar a natureza desse trabalho, a autora elenca uma série de atividades que auxiliam os professores a lidarem de forma organizada com o conhecimento no espaço-tempo infantil e descreve cada uma delas, de forma a ilustrar a riqueza do cotidiano escolar da educação infantil e a necessidade de se priorizar as brincadeiras, as conversas, o lúdico e a criatividade, com o objetivo de possibilitar aos alunos o desenvolvimento cada vez maior das suas potencialidades, enquanto seres em formação.

As práticas de estágio, tema do segundo artigo, constituem-se como uma etapa balizadora para a formação de todo profissional. No campo da Psicologia Escolar, essa etapa é crucial para o entendimento da função do psicólogo e da escolha pela atuação no contexto escolar. Esse foi o tema abordado por Tânia Maia Barcelos, Andréia Aparecida Fernandes, Gessiara Jesus Pereira, Angélica Lino Pinto, Lucas Augusto Carvalho Ribeiro, Juliana Mesquita Silva, Érika Ramos Abrahão Silva e Hilara Almeida Tonaco no artigo “Experiências da Psicologia na EJA: O Estágio de Licenciatura da UFG/Campus Catalão”.

Nesse artigo, os autores discutem a importância de se realizar projetos de docência junto aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da rede pública, com o objetivo de inserir os estudantes de Psicologia na realidade social de forma crítica, contribuindo para uma atuação plena no campo da docência, sobretudo para atuar no Ensino Médio. Tais projetos tematizaram questões sobre racismo, sexualidade, saúde e transtornos alimentares. A escolha desses temas se deu em função dos diálogos travados entre alunos do 4º ano do Curso

de Licenciatura em Psicologia e professores responsáveis pelas disciplinas das práticas de estágio e do interesse em aproximar esses alunos do campo de trabalho, a saber, a comunidade escolar.

Para os autores, a prática da docência favorece tanto o processo de formação dos alunos da EJA, seja no que se refere ao desenvolvimento das habilidades de leitura crítica e reflexiva acerca dos temas trabalhados, seja no que tange ao desenvolvimento de uma postura “em defesa da vida e contra as formas de subjetivação, que geram exclusões e preconceitos nefastos”, conforme eles mesmos postulam, quanto o processo de formação dos alunos de Psicologia para lidar com os desafios e as perspectivas de atuação no campo profissional.

A pesquisa em questão foi desenvolvida sob os auspícios de uma parceria entre a Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão e o Colégio Estadual Maria das Dores Campos. Os estagiários do Curso de Psicologia tiveram experiência de docência em sala de aula com alunos do segundo e do terceiro anos do Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, nas disciplinas de Sociologia e Biologia. Os temas selecionados para as regências estão na interface dessas disciplinas com a Psicologia e têm como respaldo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Tais temas foram mote para se trabalhar de forma crítica e reflexiva aspectos importantes da saúde, dentre eles a sexualidade, os hábitos alimentares, os cuidados com o corpo, a saúde mental e os padrões de beleza impostos pela sociedade.

Recursos metodológicos como músicas, vídeos, imagens retiradas da internet, crônicas e outras estratégias contribuíram para motivar os alunos a se colocarem como locutores no processo de aprendizagem, por meio da apresentação de depoimentos e de relatos sobre suas experiências de vida, possibilitando ampliar o campo da subjetividade para além das “práticas de psicologização da vida” e despertar nos alunos do Curso de Psicologia a escuta ativa dessas experiências e a interação com a sala de aula.

Os resultados alcançados com esse estudo, apesar das dificuldades por que passam as escolas públicas brasileiras - tanto no que diz respeito à falta de equipamentos apropriados para a utilização de recursos tecnológicos, que facilitam o aprendizado dos alunos, quanto no que se refere às dificuldades na articulação entre os conteúdos adequados à realidade desses alunos da escola pública e as estratégias metodológicas que garantem a participação, a reflexão e a ação deles nas suas experiências de vida - possibilitaram aos alunos das práticas de estágio, envolvidos na pesquisa, repensar a docência em todas as suas facetas e, finalmente, conhecer *in loco* os desafios cotidianos por que passam alunos e professores da EJA.

O terceiro artigo deste número aborda a questão da educação do campo para os alunos das comunidades rurais de Reserva/PR, especificamente os alunos da Casa Familiar Rural (CFR).

Metodologicamente, o autor, José Antonio Martins Barbosa, optou por realizar uma pesquisa de campo, com o objetivo de verificar se essas escolas (CFR) atendem às expectativas da comunidade rural no que se refere à preparação dos alunos para atuarem no campo, sem precisarem se deslocar para os centros

urbanos para poderem estudar. Essas escolas têm por objetivo fixar o aluno em suas propriedades e prepará-los, profissionalmente, para administrar os problemas iminentes à esfera rural, aspecto este não contemplado pela educação formal que esses alunos receberiam nas escolas urbanas.

Para o autor, a educação do campo sempre foi negligenciada e as questões próprias dessa esfera nunca foram pensadas em nível macro. Por isso, a educação do campo foi gestada nos movimentos sociais populares, que passaram a reivindicar para seus filhos uma formação que conseguisse articular trabalho e educação, que os levasse a refletir sobre as questões, a planejar novas e modernas técnicas de manejo, a buscar soluções para os problemas do campo, enfim, a promover um desenvolvimento local sustentável, sem que fosse preciso abandonar o campo em busca de qualificação e de emprego.

As CFRs, afirma o autor, trabalham na perspectiva da Pedagogia da Alternância, que tem sido apontada como uma excelente ferramenta para ensinar os filhos dos produtores rurais a lidarem com os problemas do campo, sobretudo porque é um método alternado de trabalho, que mescla conhecimentos no campo rural e no campo da aprendizagem formal. Tal pedagogia tem por base os preceitos de Paulo Freire, para quem a construção do conhecimento encontra respaldo nas dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais do espaço onde se vive.

A pesquisa foi desenvolvida com alunos das segundas e terceiras séries do Ensino Médio e Técnico Profissional da Escola Rural de Reserva, na faixa etária entre 15 e 25 anos. A coleta de dados se deu por meio do preenchimento de um questionário pelos alunos sujeitos da pesquisa. Os aspectos investigados delinearam um panorama importante em relação ao tema da pesquisa desenvolvida pelo referido autor. A análise dos dados revelou a realidade vivenciada pelos alunos nas comunidades rurais onde eles moram e explicitou as perspectivas de educação de campo existentes.

Na maioria dos artigos e relatos presentes nesta edição, observa-se que é por meio da leitura e da escrita que os autores desenvolvem suas investigações e que os sujeitos são inseridos nos contextos das pesquisas. A leitura, portanto, é uma prática fundamental em todas as esferas de uso da língua e possui especial ênfase no ensino e aprendizagem da língua materna. Esse é o tema do próximo artigo “A narrativa fantástica na aprendizagem escolar”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1988) orientam que as propostas didáticas de ensino da Língua Portuguesa devem organizar-se em torno da leitura como unidade elementar do trabalho com a língua, considerando, ainda, a diversidade de textos que circulam socialmente.

A partir dessa premissa, ficam previamente configuradas as aulas de Língua Portuguesa como espaços para as práticas de leitura, oralidade e escrita pautadas pelos gêneros textuais. O artigo em questão trata especificamente sobre o trabalho com o gênero narrativa fantástica, enquanto um gênero fictício, cujas escolhas lexicais e semânticas criam uma atmosfera inusitada, que extrapola a esfera do real, instala um clima

sobrenatural e atrai a atenção dos alunos. Essa é a proposta apresentada pela professora e pesquisadora Elida Ferreira Guerra, que desenvolveu com alunos do 6º aos 9º anos do Ensino Fundamental, em uma escola pública de Monte Alegre de Minas/MG, uma investigação sobre as impressões dos alunos em relação à temática da literatura fantástica no ambiente escolar.

Segundo a pesquisadora, quando os alunos são apresentados à literatura fantástica clássica e à literatura fantástica contemporânea, eles apresentam comportamentos diferentes e tendem a apreciar mais a literatura fantástica contemporânea, na medida em que eles tentam aproximar a narrativa lida de seu próprio cotidiano.

Segundo observação da autora, o trabalho de exposição dos alunos à literatura fantástica clássica não foi tão exitoso quanto a exposição deles à literatura fantástica contemporânea, por já terem sido apresentados àquela por meio de trechos das narrativas que foram usados com pretextos pedagógicos e com viés moralista. A literatura assumida por esse viés torna-se, portanto, ingênua e presta um desserviço ao incentivo à leitura, porque não pode ser usada como mote para se ensinar valores éticos, morais ou religiosos, aponta a autora. A literatura trabalhada dessa forma, continua ela, serve como vetor de desencanto nos alunos, ao invés de encantá-los e atraí-los para a prática cada vez mais constante da leitura.

O trabalho de desconstrução desse imaginário “moralista” foi um desafio para a professora em sala de aula e as discussões, os questionamentos feitos por ela, o trabalho lexical, semântico e semiótico realizado, o despertar da utopia, da imaginação e da criatividade dos alunos fizeram com que eles entendessem a literatura fantástica como necessária à existência humana, reconfigurando o conceito de fantástico que eles já haviam construído.

Para alcançar esse nível de compreensão sobre a narrativa fantástica, a pesquisadora desenvolveu um trabalho de leitura e interpretação com base no conto “João e Maria”. Simbolicamente, esse conto não é fantástico nem mágico, é real, porque representa a visão do leitor. La Fontaine, Charles Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, Lewis Carroll, Julio Verne e tantos outros autores da literatura infanto-juvenil são, segundo a autora, referências de literatura fantástica sempre presentes na vida pessoal e educacional dos alunos e precisam ser bem trabalhados para desenvolver neles a educação global.

Entretanto, a lida com alunos em escolas, sobretudo do ensino fundamental, tem acarretado nos professores uma carga excessiva de preocupações e de cobranças, na medida em que o exercício docente está relacionado a muitos aspectos psicossociais, institucionais e macrossociais que acabam afetando diretamente a sua saúde, causando estresse. Esse é o tema central de uma pesquisa desenvolvida pela professora Stania Nagila Vasconcelos Carneiro, que investigou quais as principais queixas dos professores relacionadas ao estresse e quais os principais fatores estressores nas instituições e na sociedade, que desestabilizam o bem-estar profissional e o desempenho individual desses sujeitos.

A autora realizou uma pesquisa de campo, por meio de um questionário aplicado a 20 professores do ensino fundamental, com idades entre 25 e 51 anos, dentre eles 05 homens e 15 mulheres, que explicaram quais fatores os deixam mais estressados no exercício da profissão docente.

Após a análise dos dados, a autora elencou como pontos importantes, causadores de estresse, o próprio ambiente escolar e as inúmeras tarefas e obrigações demandadas dos professores. Entretanto, ela aponta como aspectos primordiais, que aceleram a “deterioração da saúde física e mental” do professor, alguns fatores importantes que vão ao encontro da realidade vivenciada pelos professores das escolas públicas brasileiras e que acabam impactando na saúde deles. Assim, o excesso de tarefas e de cobranças, aliado ao comportamento dos alunos e de suas famílias, que atribuem à escola a responsabilidade pelo êxito escolar do aluno, acabam sendo os principais fatores estressores.

O relato de experiência “Em umas aulas de literatura...”, publicado por Aline Carrijo de Oliveira, traz em seu bojo uma preocupação bastante importante no campo do ensino da língua portuguesa, que é, mais uma vez, a questão da leitura, mais especificamente, do letramento literário. A autora relata nesse texto como é trabalhar a leitura em dois universos bastante díspares: com alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública e com alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola particular de Uberlândia. Em outras palavras, os alunos daquele nível de ensino estão em processo de letramento e os deste nível de ensino estão em processo de amadurecimento das habilidades de leitura.

A princípio, podemos verificar a assimetria entre esses dois universos, pertencentes a dois polos prototípicos no *continuum* educacional, mas a estratégia utilizada pela professora para dar conta da tarefa de trabalhar com a leitura nesses dois polos foi “equilibrar exigências quantitativas e qualitativas, escolares e intelectuais, com a estimulação da fruição literária”, com base nos critérios da Sequência Básica e Expandida de Cosson (2009).

Tais critérios levam em consideração o letramento literário como uma prática significativa, que considera a literatura de forma mais ampla, na medida em que o alvo do trabalho recai sobre a função social da literatura e da compreensão e ressignificação dos textos, por meio da motivação de quem ensina e de quem aprende.

Esses foram, *a priori*, os objetivos da autora, que procurou, por um lado, fazer uma imersão natural dos alunos do 4º ano do ensino fundamental no ambiente da Biblioteca da escola e, a partir dessa primeira imersão, levá-los à fruição literária, por meio de uma série de atividades orais e escritas que envolveram desde a socialização das leituras para os colegas, até debates e produção de pequenos textos expositivos, nos quais os alunos deixavam suas impressões de leitura.

Tais atividades, segundo a autora, possibilitaram ampliar as competências de compreensão, interpretação e exposição oral e escrita do aluno, contribuindo para o letramento escolar e literário deles.

Por outro lado, a metodologia utilizada pela professora para desenvolver nos alunos do 3º ano do ensino médio as habilidades necessárias para a ampliação do letramento literário, com vistas à preparação deles para as avaliações de ingresso ao ensino superior, foi uma tentativa exitosa de mesclar um trabalho com obras da literatura lusófona e obras literárias canônicas para esse nível de ensino, com obras da literatura moderna.

O trabalho consistiu em oferecer aos alunos uma gama de títulos literários e possibilitar a eles reflexão por meio de vários roteiros de trabalho, cujas propostas privilegiaram análise textual, resenha, artigo, ensaio, arguição e vários outros gêneros textuais, que os alunos dessa faixa etária devem demonstrar domínio.

Ainda na perspectiva de Cosson (2009), a autora possibilitou a motivação necessária para fazer com que esses alunos se envolvessem com a leitura e com a realização dos trabalhos e alcançassem a autonomia necessária para se desenvolverem como leitores.

No segundo relato deste número da Revista, Analúcia de Moraes Vieira narra as ações desenvolvidas pelas crianças da educação infantil de uma escola pública federal de Uberlândia, durante a realização de atividades lúdicas, de brincar e de “faz de conta”, na Brinquedoteca – ou Espaço do Brincar – da referida escola.

Utilizando a metodologia da documentação pedagógica, a autora registra, com base em estudiosos como Vygotsky e nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o ato de brincar das crianças da educação infantil. Para ela, o brincar é parte inerente do processo de aprendizagem, porque os jogos e as brincadeiras constituem importantes estratégias para a construção da identidade individual e coletiva dos alunos, do desenvolvimento do protagonismo e da apropriação e recriação das culturas.

Assim, é no momento das brincadeiras, dentro do Espaço do Brincar, na escola, que a pesquisadora e sua equipe registram as situações vivenciadas pelas crianças, suas interações e negociações por meio de vídeos, fotos e áudios que formam um banco de dados importante para estudos sobre a interação e o desenvolvimento das crianças, especialmente as de inclusão, que demandam maior cuidado, pois apresentam necessidades especiais e/ou restrições psicomotoras e cognitivas.

A importância desse trabalho reside no fato de que a documentação pedagógica, empreendida para investigar, conhecer, compreender e problematizar as ações desenvolvidas pelos alunos no ambiente escolar, representa nas mãos do professor um recurso importante para a reflexão e a reorganização de sua prática.

Temos ainda nesta edição a publicação de duas Galerias. A primeira, intitulada “Casaréu-Casaréus”, foi desenvolvida pela professora Marilene Aparecida Borges, nos anos de 2007 e 2008. O projeto partiu do interesse da professora e de seus alunos em participar do concurso de desenho “A casa dos meus sonhos”. Os trabalhos ficaram expostos no Arquivo Municipal e nas escolas públicas de Uberlândia. A culminância do projeto foi o lançamento de um livro intitulado “Passa...”, lançado na Festa Literária de Uberlândia em 2008.

A segunda Galeria denominada “Espaço Cultural da Eseba/UFU” é um espaço de experimentações e de aprendizagens artísticas, cujo objetivo não é levar os alunos a aprender a fazer arte, mas levá-los a experienciar a arte por meio da exploração dos recursos disponíveis no local. Sob a coordenação da professora Paula Amaral Faria, esse espaço constitui-se como um laboratório de produção artística para crianças da educação infantil. Lá, elas soltam sua criatividade e, literalmente, “pintam o sete”, não só nas artes plásticas, mas também nas artes cênicas.

Esta é a primeira edição do ano de 2014. Sabemos que há muito a ser feito ainda por parte de todos os envolvidos (autores, editores, avaliadores, revisores, tradutores, estagiários etc.) para que consigamos vencer os vários obstáculos que nos apresentam a cada dia na batalha que é publicar um periódico com o perfil da Revista Olhares e Trilhas e com o nível de exigência editorial que temos. Entretanto, sabemos que “tudo vale a pena, se a alma não é pequena”.

Esperamos que a leitura dos textos aqui apresentados possa ser proveitosa. Boa leitura!

Cláudia Goulart Morais